Dia 12 — São Wilfrido, Bispo de York, Confessor

Martirológio Romano

Os santos mártires Evágrio, Priscino e seus companheiros, em Roma. O martírio de Santo Edístio, mártir, em Ravena, no caminho de Loreto (no ano 308. Seu santo corpo foi sepultado no mesmo lugar do martírio e depois colocado numa igreja dedicada a seu nome).

Santa Domnina, mártir, na Lícia, no tempo do imperador Diocleciano. (Por confessar a Jesus Cristo, primeiro foi cruelmente açoitada e em seguida levada ao cárcere, onde permaneceu alguns dias sem tomar alimento nem bebida. Posteriormente a tiraram do cárcere para açoitá-la com mais crueldade que antes, descarná-la todo o corpo, aplicar-lhe chapas acesas nos costados e deslocar-lhe diferentes membros. Em tão lastimoso estado a levaram outra vez ao cárcere, onde logo deu a alma a seu Criador, cantando divinos louvores, no ano 301.)

Os santos confessores e mártires quatro mil novecentos e sessenta e seis santos, na África, durante a perseguição dos vândalos, sendo rei destes o bárbaro Hunerico, ariano. Dos santos confessores e mártires, uns eram bispos, outros presbíteros, outros diáconos e muitos seculares, e todos eles sem distinção, por defender a fé católica, foram desterrados a um áspero e espantoso deserto. Alguns deles morreram no caminho em força da grande crueldade com que os tratavam os soldados mouros que os acompanhavam; pois a uns punçavam com os cabos das lanças para que corressem, a outros apedrejavam, a outros, atados pelos pés, levavam arrastando como se fossem cadáveres por pedregais e ladeiras agrestes, deslocando-lhes assim todos os membros; por último, ou no caminho ou no desterro, afligidos com diverso gênero de tormentos, todos eles alcançaram a palma do martírio. Capitaneavam este glorioso exército os sacerdotes do Senhor São Félix e São Cipriano (dos quais faz a Igreja particular menção).

São Maximiliano, bispo de Lorch, em Celeia, na Hungria.

São Wilfrido, ou Warnivo, bispo e confessor, em York, na Inglaterra. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Monas, bispo, em Milão, a quem (achando-se o clero e o povo reunidos para tratar da eleição de um pastor) viram rodeado de uma luz celestial; por cujo sinal foi unanimemente eleito bispo daquela igreja (e logo consagrado, atestando depois por suas virtudes e milagres que havia com

efeito recebido do céu sua missão).

São Salvino, bispo, em Verona. (Possuiu o dom de milagres e foi perfeitíssimo em todas as suas obras e ações, merecendo que Jesus Cristo lhe aparecesse em sua última hora para conduzi-lo à pátria celestial.)

São Eustáquio, presbítero e confessor, na Síria.

A Aparição de Nossa Senhora do Pilar de Saragoça

Entre todas as graças que derrama em nossos corações nosso Deus, nenhuma merece mais gratidão e apreço que a graça inefável da vocação a uma religião revelada, igualmente verdadeira que sublime. Assim como a fé é a primeira virtude na ordem, assim também o é na necessidade e utilidade que dela resultam, como cimento do espiritual edifício, sem o qual é impossível assentar uma só pedra para a construção de Jerusalém. Por isso o apóstolo São João dizia falando com Deus: «Toda a felicidade do homem e sua bem-aventurança consiste em que te reconheçam por o Deus verdadeiro e a teu enviado Jesus Cristo.» Os delírios em que têm dado os homens quando se deixaram guiar das produções de seus entendimentos; o baixo conceito que formaram de si mesmos, sem acertar a levantar-se da terra; as transtornadas e baixas ideias que têm sujeitado à grande palavra Deus são uma prova evidente da pequenez de nossa natureza, ainda quando queiramos exaltar nosso ser, e da incontestável necessidade que tínhamos de uma graça que nos abrisse as portas da razão, que nos introduzisse na região da luz e que nos desse princípios para poder pensar com dignidade, regulados às sublimes ideias que gravou em nossa mente o Ser incompreensível. Orfeu, Homero, Hesíodo, Crisipo, Platão e outros semelhantes, a quem não acabam de louvar os que se prezam de puros filósofos, dão-nos nesta matéria o maior desengano. Se além disto queremos fixar um pouco a atenção nos homens primitivos que habitaram o Egito, nos persas, nos caldeus e posteriormente nos gregos, encontraremos não somente as sementes de infinitas deidades, mas o patriarca dos Espinosas, dos Lucílios e de outros, que com os mais torpes erros temos visto morrer com melhor fortuna.

O conhecimento de um Deus pode ser obra da verdadeira filosofia; mas o de uma religião sobrenatural e verdadeira não pode produzir-se senão pela milagrosa infusão da graça. Seus conhecimentos deviam nascer de princípios divinos que não podia conter em si a esfera da natureza; e todas as ciências dos homens manifestaram com a maior clareza a necessidade da revelação e que só Deus podia ser o autor e a origem. É inútil deter-se nas tristes memórias que causa a cegueira prolongada do mundo. Sabe-se muito bem que tanto na lei natural como na escrita houve religião verdadeira; mas também se sabe que, sem embargo disto, dominaram pela maior parte as aziagas consequências que produziu a desobediência de um homem. Mas nosso bom Deus tocou-se de sua mesma misericórdia, de tal maneira que enviou seu Filho unigênito para que resgatasse o mundo da servidão do pecado e formasse um povo limpo, aceitável, seguidor de

boas obras, segundo a expressão de um santo Apóstolo, e onde dominem para sempre a luz, a verdade e a graça. Haviam chovido as nuvens ao Justo, tantas vezes prometido aos antigos Patriarcas, e de uma terra virginal havia saído o Salvador, o Príncipe da paz, o Pai do século futuro. Do costado do novo Adão, dormido na árvore da cruz, havia sido formada a virginal esposa, isto é, a Igreja com todos os seus Sacramentos. Muitos esforçados caudilhos, discípulos do Senhor, que em sua escola haviam estudado seus altos desígnios sobre a salvação dos homens, estavam já preparados para a grande obra da pregação do Evangelho e conversão de todo o mundo. Testemunhas da divindade de seu Mestre na ressurreição gloriosa depois de tantos milagres que a acreditavam; cheios daquele espírito consolador que lhes ensinou todas as línguas e a arte de dominar nas almas pelo ministério da palavra; convindos no concílio de Jerusalém sobre os artigos que haviam de formar o fundo de sua pregação, nada faltava mais que a dispersão dos Apóstolos. E eis aqui a época feliz aonde se deve reduzir o princípio da ventura da Espanha.

Estava esta formosa porção do mundo submersa na idolatria; o haver enriquecido a natureza seu solo com tantas preciosidades havia chamado as atenções e a cobiça das mais remotas gentes; todas haviam trazido, juntamente com sua ambição e com suas armas, suas respectivas superstições. Sem ter necessidade de subir aos tempos fabulosos, sabem todos que com os fenícios e os romanos vieram à Espanha quantos ídolos pôde inventar uma louca fantasia em todos os países que sujeitaram suas armas vitoriosas; aquela ridícula multidão de deidades de que zombava Juvenal era adorada de nossos antepassados, a não ser que o furor da guerra e seu natural indócil os houvesse feito sacudir o jugo da religião como o do império romano; mas de qualquer maneira, ou não tinham religião ou seu Deus era, além de suas paixões, as mudas obras das mãos dos homens. Nesta situação, eis que o Altíssimo lhe dirige um benéfico olhar desde o alto do trono de sua glória. Os Apóstolos, fortalecidos pelo Espírito Santo, animados com o heroico exemplo do protomártir Estêvão e instruídos plenamente pela Rainha dos Mártires, empreendem a pregação do Evangelho. Tiago, um dos discípulos mais amados do Senhor, prepara-se para vir ao Ocidente, cumprindo-se nisto, como sente Santo Tomás de Villanueva, a pretensão feita por sua mãe na solicitação dos dois assentos para seus filhos. Maria santíssima, que depois da paixão de seu Filho e de sua gloriosa ascensão aos céus não podia ter outros pensamentos que a retardassem unir-se para sempre com seu Esposo que a propagação da fé e pregação do Evangelho, via a dispersão dos Apóstolos como o último prazo para o logro das eternas ditas. Exalava-se seu dulcíssimo coração em mil ternos suspiros, repetindo aquelas amorosas palavras da Esposa: «Diz-me, ó amado de meu coração, onde sesteias, aonde vais descansar ao meio-dia, que não quero já mais estar neste desterro sem ver as formosíssimas luzes de teus olhos e recrear-me para sempre com a divina formosura de teu semblante.» Toda absorta na contemplação de seu Filho, estavam de acordo sua alma e seus sentidos para não ter outro objeto que Deus. Os ardores de sua vontade se deixavam ver naquele rosto com visos de divino, como dizia São Dionísio Areopagita. Privada somente da vista sensível de seu Filho, todos os seus desejos, seus anelos, seus votos, suas ânsias se dirigiam ao céu, com cuja consideração se mantinha; quando eis que o apóstolo Tiago, destinado pelo Espírito Santo à pregação dos espanhóis, se apresenta à Rainha dos Anjos; dobra os joelhos ante quem muito antes haviam feito semelhantes demonstrações os mais encumbrados serafins; beija suas mãos virginais banhando-as de lágrimas e lhe pede sua bênção e sua licença para vir à pregação da Espanha. «Vai, filho, diz-lhe a amorosíssima Mãe, cumpre o mandamento de teu Mestre e por ele te rogo que na cidade em que maior número converteres à fé edifiques uma igreja em minha memória, como eu mesma to darei a entender.»

Estas palavras excitarão vivamente os escrúpulos da erudição mundana, cravando a mordaz censura seus inexoráveis dentes num fato cuja autenticidade pretende sujeitar às mais delicadas discussões. Mas para que a piedade descanse sobre um fundamento de bastante autoridade e solidez, é justo inserir aqui o monumento que qualifica esta tradição, reduzido a um códice membranáceo que conserva em seu arquivo a santa igreja de Saragoça. Nele, pois, diz-se assim: «Depois da paixão e ressurreição de nosso Salvador Jesus Cristo e de sua ascensão aos céus, ficou a piedosíssima Virgem encarregada ao cuidado do apóstolo e virgem São João Evangelista. Com a pregação e milagres dos Apóstolos crescia na Judeia o número dos discípulos e enfureciam-se os pérfidos corações de alguns judeus em tanto grau que moveram uma perseguição grande contra a Igreja de Jesus Cristo. Apedrejaram a Santo Estêvão e tiraram a vida a outros muitos; pelo que lhes disseram os Apóstolos: A vós devia pregar-se primeiramente a palavra de Deus; mas por quanto a haveis rebatido e vos haveis feito indignos da vida eterna, eis que nos convertemos às gentes. Desta maneira, espalhados pelo universo, segundo o mandamento de Jesus Cristo, pregaram o Evangelho a todo homem, cada apóstolo na porção que lhe havia tocado. Ao tempo de sair da Judeia, cada um obtinha a licença e bênção da bendita e gloriosa Virgem.

«Entretanto, por revelação do Espírito Santo, o bem-aventurado Tiago o Maior, irmão de João e filho de Zebedeu, recebeu um mandamento de Cristo para ir pregar o Evangelho às províncias da Espanha. Ao ponto o santo Apóstolo, indo à Virgem e tendo-lhe beijado as mãos, pedia-lhe com lágrimas nos olhos que lhe desse sua licença e sua bênção. Respondeu-lhe a Virgem: Vai, filho, cumpre o mandamento de teu Mestre e por ele te rogo que naquela cidade da Espanha em que maior número de homens converteres à fé me edifiques uma igreja em minha memória, segundo eu to manifestarei. O bem-aventurado Tiago, saindo de Jerusalém, veio à Espanha pregando e, passando pelas Astúrias, chegou à cidade de Oviedo, onde converteu um à fé. Desta maneira, entrando pela Galiza, pregou na cidade de Padrón; dali, voltando a Castela, chamada Espanha a Maior, veio finalmente à Espanha a Menor, que se chama Aragão, naquela região que se diz Celtibéria, onde está situada a cidade de Saragoça, às margens do rio Ebro.

«Nesta cidade, tendo pregado Tiago muitos dias, converteu a Jesus Cristo oito varões, com os quais tratava de dia do reino de Deus e à noite saía à margem do rio para tomar algum descanso nas eiras. Neste sítio dormiam um pouco e depois se entregavam à oração, evitando desta maneira ser perturbados pelos homens e molestados pelos gentios. Passados alguns dias, estava Tiago com os ditos fiéis, a eso de meia-noite, fatigados com a contemplação e a oração. Dormidos os oito discípulos, o bem-aventurado Tiago ouviu à hora de meia-noite umas vozes de Anjos que cantavam: *Ave, Maria, gratia plena*, como se começassem o ofício de matinas da Virgem, com um doce invitatório; e pondo-se imediatamente de joelhos, viu a Virgem, Mãe de Cristo, entre dois coros de milhares de Anjos, sentada sobre um pilar de mármore. O coro da celestial milícia angélica acabou as matinas da Virgem com o verso *Benedicamus Domino*.

«Acabado isto, Maria santíssima com rosto lisonjeiro chamou a si o santo Apóstolo e com muita doçura lhe disse: Eis aqui, Tiago, o lugar assinalado e destinado para minha honra, no qual por tua indústria se há de construir uma igreja em minha memória: olha bem este pilar em que estou sentada, o qual meu Filho e mestre teu trouxe do alto por mãos de Anjos, ao redor do qual colocarás o altar da capela. Neste lugar obrará a virtude do Altíssimo portentos e maravilhas por minha intercessão com aqueles que em suas necessidades implorarem meu patrocínio, e este pilar

permanecerá neste sítio até o fim do mundo e nunca faltarão nesta cidade verdadeiros cristãos. Então o apóstolo Tiago, regozijado com uma alegria extraordinária, deu infinitas graças a Jesus Cristo e a sua santíssima Mãe; e imediatamente aquele exército de Anjos, tomando a Senhora dos céus, a tornou à cidade de Jerusalém e a colocou em seu aposento; porque este é aquele exército de milhares de Anjos que enviou Deus à Virgem na hora em que concebeu a Cristo para sua custódia, para que a acompanhassem de contínuo e conservassem a seu Filho ileso.

«Alegre o bem-aventurado Tiago com uma visão e consolação tão maravilhosas, começou imediatamente a edificar uma igreja naquele sítio, ajudando-o para isso os oito que havia convertido. A referida basílica é de quase oito passos de latitude e dezesseis de longitude, e à cabeceira da parte do Ebro tem o referido pilar com um altar; e para serviço desta igreja o bem-aventurado Tiago ordenou de presbítero a um dos sobreditos, o que lhe pareceu mais idôneo. Tendo consagrado depois a referida igreja e deixando em paz os Cristãos, voltou à Judeia pregando a palavra de Deus. A esta igreja deu o título de Santa Maria do Pilar, e é a primeira igreja do mundo dedicada à honra da Virgem pelas mãos dos Apóstolos, etc.»

Estas são pontualmente as palavras do referido códice que conserva a santa catedral de Saragoça e o monumento mais sólido e fidedigno que tem a nação espanhola para prova desta piedosa tradição. Deus nosso Senhor tem acreditado com a experiência a verdade de suas palavras, pois nunca têm faltado ali verdadeiros adoradores, por turbados e borrascosos que hajam sido os tempos. A proteção de Maria tem-se deixado ver em todos os séculos com repetidos milagres e portentos, tanto que ela tem empenhado a piedade dos espanhóis para tributar-lhe cultos com devoção e magnificência. Daqui nasceu o inumerável concurso de gentes que de todas as partes vinham em tempos antigos e vêm presentemente a venerar esta santa Imagem, recompensando a Rainha dos Anjos esta piedade fervorosa com a contínua dispensação de graças que alcança de seu Filho. O Vigário de Jesus Cristo, que vela incessantemente sobre o rebanho que lhe foi encomendado, não pôde deixar de advertir o augusto deste santuário, o remoto de sua fundação e o fervoroso culto com que os fiéis o frequentavam. Desejoso, pois, de que uma obra tão piedosa não padecesse decadência nas idades futuras e assim mesmo de que todas as igrejas da Espanha tivessem o consolo de celebrar tanta ventura com hinos e cânticos, determinou sua festividade particular; e Clemente XII assinalou para este efeito o dia 12 de outubro, dando a todos os povos sujeitos ao Rei católico o consolo de celebrar a ventura de haver tido a Mãe de Deus em sua região quando ainda vivia em carne mortal. (Veja-se a advertência acerca da vinda da santíssima Virgem à cidade de Saragoça, que se lê no mês de janeiro, dia 2.)

São Wilfrido, Bispo de York, Confessor

Foi inglês São Wilfrido e nasceu pelos anos de 634 no reino de Northumberland. Eram seus pais distinguidos no país por sua nobreza, mas muito mais por sua grande cristandade, e puseram o maior cuidado em dar ao menino a melhor educação. As nobres partidas com que nasceu Wilfrido o

fizeram tão dócil às lições de seus pais e mestres que não era fácil encontrar jovem mais cabal. Era bem feito, airoso e de muita graça, entendimento brilhante e vivo, de natural aprazível e de gênio muito amável; com o que desde logo foi as delícias de seus pais e a admiração de quantos o conheciam. A pureza de seus costumes, o juízo e a antecipada madureza com que estava acompanhada foram o melhor prognóstico da eminente santidade a que com o tempo havia de chegar. Aos doze anos de sua idade perdeu sua querida mãe; e passando seu pai a segundas núpcias, a madrasta, que não o olhava com bons olhos, deu ocasião a que saísse logo da casa paterna, sem que lhe custasse muita dor. Enviou-o seu pai à corte, dispondo que se apresentasse à rainha Eanfleda, mulher do rei Osvi. Prendada a virtuosa Princesa da bela graça, da vivacidade, do espírito e da modéstia de Wilfrido, quis que ficasse a seu serviço; mas representando-lhe o menino seus desejos de retirar-se do mundo para servir a só Deus, longe de ressentir-se o estimou mais, olhou-o com maior carinho, louvou muito sua resolução e, para facilitar-lhe os meios de executá-la, recomendou-o a um dos principais criados do Rei, que, retirando-se também da corte, ia tomar o hábito de monge em Lindisfarne. Seguiu-o Wilfrido e esteve alguns anos no mosteiro, ocupado inteiramente em exercícios de virtude e no estudo das letras. Mas advertindo que aqueles monges, todos escoceses, observavam um gênero de disciplina não muito conforme à que se praticava na Igreja e que lhe ensinavam umas regras de perfeição não as mais seguras, determinou fazer uma viagem a Roma para instruir-se a fundo, assim nas cerimônias eclesiásticas como nas regras da mais exata observância.

Não havia recebido o hábito ou a tonsura monacal, como então se dizia, pelo que lhe foi fácil conseguir a licença do abade e dos monges para retirar-se. Voltou à corte e, manifestando seus intentos à Rainha, não só mereceu sua aprovação, mas deu-lhe cartas de recomendação para Ercomberto, rei de Kent, que tinha sua corte em Cantuária, onde chegou pelo fim do episcopado de Honório, um dos últimos discípulos de São Gregório papa. Recebeu-o o Rei com muita benignidade; e aprovando grandemente sua resolução, quis que fosse em companhia de São Bento Biscop, que estava no mesmo pensamento e era pouco mais ou menos da mesma idade. Chegaram a Lyon, onde foram recebidos com muito amor e caridade pelo bispo Anemundo, o qual, prendado das belas partidas de Wilfrido e deixando Biscop ir adiante, o deteve em seu palácio, fazendo quanto pôde para retê-lo na França; mas sem embargo de serem muito vantajosos os partidos que lhe fazia, não foram bastantes a tentá-lo; e persistindo em sua resolução, continuou sua viagem. Logo que chegou a Roma, sua primeira diligência foi visitar os sepulcros dos santos Apóstolos e dos santos Mártires, empregando em oração o dia e uma parte da noite.

Mereceu-lhe sua virtude o conhecimento e o trato com o arcediago Bonifácio, venerado em Roma por sua muita santidade e grande sabedoria. Descobrindo este em nosso Santo um mérito nada comum, explicou-lhe os Livros sagrados e instruiu-o a fundo na disciplina da Igreja. Deteve-se em Roma cerca de um ano; e voltando a Lyon ao palácio do Arcebispo, que lhe havia mostrado tanto amor, recebeu de suas mãos a tonsura clerical. Era o ânimo do Prelado não só fixá-lo em sua igreja, mas fazê-lo seu sucessor; mas a violenta morte que padeceu em Chalon pela justiça obrigou nosso Santo a restituir-se à Inglaterra. Logo que chegou àquele reino, chamou-o o príncipe Alfrido, filho primogênito do rei Osvi, e deu-lhe muita parte de sua estimação e confiança. Para detê-lo com maior segurança em Northumbria, fez-lhe doação do território de Hrip ou Ripon, na diocese de York, que o mesmo Príncipe tinha destinado para fundar nele um mosteiro e ainda havia já lançado os alicerces. Nosso Santo acabou a obra e foi seu primeiro abade. Descobriu-se logo neste

emprego seu raro talento de governo e, crescendo cada dia a opinião de sua sabedoria e de sua prudência, Agilberto, bispo de Dorchester, ordenou-o sacerdote e pouco depois o Príncipe o nomeou bispo de York. Acreditou quanto merecia esta dignidade a repugnância e a resistência que fez para admiti-la; e como a maior parte dos bispos da Escócia e da Irlanda não se conformavam com a Igreja romana sobre o tempo de celebrar a Páscoa, nosso Santo não se quis consagrar por prelados cismáticos; e passando à França, foi consagrado em Compiègne no ano de 664 por Agilberto, que, tendo sido bispo na Inglaterra, o era à sazão de Paris.

Logo que o novo bispo de York tomou posse de sua igreja, viu-se reflorescer nela a Religião; desterraram-se os abusos, corrigiram-se os costumes e em todas as partes restituiu a seu vigor a disciplina eclesiástica e introduziram-se as cerimônias da Igreja romana. Sendo São Wilfrido tão agradável aos olhos de Deus, não podia deixar de ser muito provado; e tendo-se declarado tão abertamente contra os erros dos cismáticos, era forçoso que experimentasse os efeitos de sua malignidade. Fizeram na corte uma pintura de seu zelo, desfigurando-o com tão denegridas cores, desacreditando-o com tão grosseiras calúnias no conceito do Rei; figuraram com tanto artifício imaginárias suspeitas de sua fidelidade que o Rei o lançou de sua cadeira e o Santo viu-se precisado a sair da Inglaterra para não ficar exposto aos efeitos de sua indignação. Cedeu à malícia de seus inimigos e embarcou-se para Roma; mas uma violenta tempestade o arrojou às costas da Frísia, que jazia ainda sepultada nas trevas da idolatria. Pregou nela a fé de Jesus Cristo com sucesso tão feliz que converteu e batizou o rei Algiso e um grande número de seus vassalos e em menos de um ano foi apóstolo daquela província. Por este tempo havia sido já restituído Ebroíno a seu emprego de mordomo do palácio na França; e noticioso de que se achava na Frísia o bispo de York, testemunha ocular do assassinato cometido por aquele Príncipe na pessoa de Santo Anemundo e instigado também dos inimigos do Santo, despachou seus embaixadores ao rei Algiso, suplicando-lhe que lho entregasse vivo ou morto. Mas o religioso Monarca, logo que leu a carta de Ebroíno, arrojou-a ao fogo em presença de seus mesmos embaixadores, dizendo: «Confunda Deus o reino dos pérfidos e tenha a mesma sorte que esta carta.»

Livre Wilfrido deste perigo, despediu-se do rei Algiso e partiu a Roma acompanhado do presbítero Eddi Estêvão, que escreveu sua vida. Passou pelo reino da Austrásia, onde o rei Dagoberto II o recebeu, fazendo-lhe grandes honras, e toda a corte ficou muito prendada de sua vida exemplar e de sua modéstia. Fez aquele Monarca quanto pôde para detê-lo em seus Estados e instou-o a que aceitasse o bispado de Estrasburgo; mas o Santo jamais quis deixar sua igreja da Inglaterra. Chegado à Itália, haviam oferecido a Bertarido, rei dos lombardos, uma grande soma de dinheiro para que o arrestasse; mas este Príncipe ouviu com horror semelhante proposição e declarou-se protetor do santo Bispo. Entrou em Roma no ano de 679; e o papa Agatão recebeu-o com demonstrações da maior benevolência. Foram examinados num sínodo todos os capítulos de que o acusavam e saiu plenamente justificada, reconhecida e declarada sua inocência. Assistiu ao concílio de cento e vinte e cinco bispos que celebrou o Papa contra os Monotelitas e, não podendo concorrer a ele o arcebispo de Cantuária, enviou-lhe seus poderes e os de todos os demais bispos da Inglaterra para que representasse a nação: demonstração que se pôde conceituar por espécie de desagravo da injustiça que lhe haviam feito. Cumulado de honras e de favores com que o Papa o distinguiu, retirou-se de Roma para restituir-se à Inglaterra e, ao passar pela França, sua vida correu grandes perigos pelo ódio que Ebroíno lhe professava. Poucos Santos padeceram tantos reveses de fortuna e poucos os toleraram com mais heroica paciência nem com ânimo mais

tranquilo. Quando se restituiu a seu bispado de York, o rei Alfrido recebeu-o muito friamente, preocupado já contra ele pelos malignos artifícios de sua mulher e dos cortesãos, a quem desagradava a inteireza e a eminente virtude de nosso Santo. Foi arrestado e sofreu outros maus-tratos. A Rainha, que havia excitado esta nova tempestade, caiu gravemente enferma poucos dias depois; e para acalmar os remorsos de sua consciência, mandou pô-lo em liberdade. Só usou dela o Santo para ir ao país de Sussex anunciar a fé aos saxões meridionais, que ainda eram idólatras pela maior parte. Converteu o rei Etelvalco e batizou muitos milhares de pessoas. Fez-lhe doação o Rei de uma grande posse onde fundou o mosteiro de Selsey; de maneira que ao mesmo tempo que em seu país o lançavam de sua cadeira episcopal, os estranhos e os gentios o veneravam como seu Apóstolo. Morto o rei Etelvalco, converteu à fé de Jesus Cristo o novo rei Nothelmo e sua irmã, a princesa Mothgida, que, tendo fundado um mosteiro de monjas, fez-se religiosa sob a direção do Santo e fundou depois muitas igrejas.

Conquistado já para Jesus Cristo todo o país de Sussex pelo infatigável zelo de São Wilfrido, passou ao reino de Wessex ou dos saxões ocidentais, onde fez semelhantes conquistas. À vista de tantas maravilhas arrependeram-se os ingleses de haver tratado tão mal um Prelado tão santo; e pesaroso Teodoro, arcebispo de Cantuária, de haver-se deixado prevenir contra Wilfrido, suplicou-lhe que voltasse à Inglaterra, pediu-lhe perdão e fê-lo restabelecer em sua cadeira. Foi recebido em York com grandes demonstrações de universal regozijo; e sempre zeloso, sempre vigilante, infatigável sempre no trabalho, reformou os abusos, restituindo a disciplina eclesiástica a seu antigo ser no clero, a observância e o fervor nos mosteiros. Mas durou pouco a calma, porque o Senhor queria purificar sua virtude até o último alento com o fogo da tribulação. Disputaram-lhe os direitos de sua igreja: começaram a perseguir os monges de seu mosteiro de Ripon e voltaram a renovar-se todas as queixas antigas que já estavam sepultadas. Vendo que cada dia ia cobrando mais forças o partido de seus inimigos, pareceu-lhe que devia ceder à tempestade. Saiu do reino de Northumberland e foi pôr-se sob a proteção de Etelredo, rei de Mércia, que o recebeu com muitas demonstrações de estimação e de respeito. Foi de grande utilidade para a salvação deste Príncipe a mansão que nosso Santo fez em sua corte, pois desde então formou o ânimo de renunciar a coroa e de voltar as costas ao mundo.

Quase doze anos havia cultivado Wilfrido a vinha do Senhor no país de Mércia quando, tendo-se juntado em Austerfield, a instâncias de Alfrido, rei de Northumberland, o novo arcebispo de Cantuária, Britualdo, com outros prelados, suplicaram-lhe que concorresse àquele sínodo. Como o santo Bispo desejava tanto a paz e de ninguém desconfiava, partiu imediatamente a ele; mas ficou estranhamente surpreendido quando se achou com que o queriam precisar a que fizesse demissão de seu bispado em virtude de uns delitos a cada qual mais supostos e mais imaginários. Era-lhe muito fácil justificar-se, mas nem o quis fazer nem consentiu na renúncia que lhe propunham: pelo que foi desterrado a seu mosteiro de Ripon, que se lhe deu por cárcere, enquanto o sínodo lhe sustanciava a causa para degradá-lo. Não teve outro arbítrio para suspender o curso de um juízo tão estranho como precipitado que apelar ao Papa e, apesar de sua avançada idade, empreendeu a viagem a Roma. Examinou-se sua causa em presença do pontífice João VI num sínodo que se convocou para este efeito no ano de 704 e, tendo-o declarado inocente em todos os capítulos que lhe faziam, foi enviado absolvido a sua igreja. Ao chegar a Meaux caiu numa perigosa enfermidade que o pôs às portas da morte; mas recobrou-se milagrosamente dela por um insigne favor da santíssima Virgem, em quem, depois de Jesus Cristo, tinha colocada toda a sua confiança. Quando

chegou à Inglaterra, encontrou já todos os bispos muito desimpressionados das espécies que tinham contra ele: só o Rei persistia teimosamente nas suas; mas sobrevindo-lhe a enfermidade de que morreu, arrependeu-se de haver perseguido o santo Bispo. Não foi desta opinião Edulfo, usurpador da coroa; e enviou-lhe a dizer que, se dentro de seis dias não saía da Inglaterra, lhe faria tirar a vida; mas arrojado do trono o usurpador e subindo a ele Ofredo, filho de Alfrido, voltou a chamá-lo ao reino, onde se convocou um sínodo em que saiu plenamente justificado, sujeitando-se todos à sentença do Papa, que o declarava inocente e mandava que fosse restituído a sua Sé.

Logo que se viu nela, aplicou-se com seu acostumado infatigável zelo à reformação dos costumes e à restauração da disciplina. Nem suas tribulações nem suas viagens foram bastantes para que afrouxasse jamais em suas excessivas penitências: nem considerou pretexto suficiente para moderá-las o de sua ancianidade e suas enfermidades. Toda a vida continuou com a maior tenacidade seus jejuns, suas abstinências e os rigores com que mortificava seu corpo; tanto que nos dois últimos anos que viveu foi mister que o Papa metesse a mão para temperá-los; mas os supriu vantajosamente uma dolorosa enfermidade. Enfim, no ano de 709, aos setenta e seis de sua idade e quarenta e seis de seu bispado, morreu com a morte dos Santos no mosteiro de Oundle, manifestando Deus desde logo a santidade de seu servo com multidão de milagres.

São Serafim de Montegranaro, Chamado de Ascoli, Capuchinho

O glorioso São Serafim, chamado vulgarmente de Ascoli, cidade da marca de Ancona, por haver vivido, sendo religioso, muitos anos nesta cidade e por havê-la ilustrado com sua santa vida e com seus milagres; enquanto viveu no século se chamou Félix e nasceu no ano 1540 numa aldeia do bispado de Fermo, nomeada Montegranaro. Seus pais foram pobres e de humilde condição; mas tinham um rico fundo de virtudes; pelo que, à semelhança do santo Tobias, criaram este filho no santo temor de Deus e desde menino lhe ensinaram a aborrecer o pecado, a amar e servir a Deus e a viver segundo as máximas da Religião. Logo que teve idade para servir, seu pai o pôs em casa de um lavrador, que o destinou a guardar o gado. Serafim conservou na casa de seu amo a mesma inocência de costumes e a mesma devoção que havia tido na casa de seus pais: quando se achava no campo guardando o gado, costumava fazer alguma cruz em alguma árvore e diante dela se prostrava e rezava suas orações e recomendava com muito fervor os interesses de sua alma a Jesus Cristo, seu Salvador, e à santíssima Virgem Maria, de quem era devotíssimo.

Tendo morrido seu pai, foi Serafim chamado por seu irmão maior, de nome Silêncio, para que o ajudasse e servisse de servente no ofício de pedreiro que exercitava à imitação de seu pai. Neste ofício teve que sofrer extraordinariamente; porque, sendo pouco apto, seu irmão, que era colérico e até furioso, não só lhe dizia mil injúrias a cada passo, mas o espancava frequentemente; e ainda em algumas ocasiões, transportado de ira, lhe dava cruéis golpes com o martelo: Serafim sofria com admirável paciência todos estes maus-tratos; e ainda que sua fatigosa ocupação o dispensava da lei do jejum, jejuava contudo três dias na semana; e quando os demais oficiais descansavam de

seu trabalho tomando sua ordinária refeição, Serafim empregava aquele tempo em rezar suas devoções. Manifestou Deus com um milagre assombroso quão grata lhe era a piedade de Serafim; porque, indo visitar a Virgem santíssima em sua santa casa de Loreto, chegando ao rio Potenza, achou que ia tão crescido que não se podia vadear; e com efeito seus companheiros permaneceram na margem sem atrever-se a entrar nele; mas Serafim o passou duas vezes à vista de todos a pé enxuto, causando nos espectadores aquele assombro que se deixa discorrer.

Entretanto Silêncio passou a Loro, aldeia pouco distante de Montegranaro, para construir ali certo edifício e levou consigo a seu irmão Serafim. Na casa em que se hospedaram ambos os irmãos havia uma virtuosa jovem, muito devota, que costumava ler em voz alta livros espirituais, especialmente um que tratava dos Novíssimos. Serafim, que tinha muita sede da palavra de Deus, escutava cuidadosamente aquela santa leitura; e ouvindo um dia a severidade do juízo com que Deus julgará todos os homens e as penas eternas e incompreensíveis das chamas infernais a que condenará todos os pecadores, ficou de tal modo atônito e atemorizado que disse àquela jovem: «Se as coisas vão assim, seria muito melhor retirar-se a um bosque para fazer vida eremítica a fim de não expor a tão grande perigo a própria alma.» — «Não é isto necessário, respondeu-lhe a jovem virtuosa, porque, se tu desejas assegurar tua salvação, basta que entres na religião dos Padres Capuchinhos, onde se professa uma vida santa e penitente.» Serafim, que até então não havia tido nenhuma notícia desta religião, informou-se da mesma jovem do modo de viver de seus religiosos, a qual se achava plenamente informada por ocasião de hospedar-se naquela mesma casa os Capuchinhos que passavam pela aldeia de Loro; e tendo entendido que tinham um convento em Tolentino, logo que pôde passou ali e fez vivas e humildes instâncias àqueles Padres Capuchinhos para que o admitissem em sua religião por frade leigo; e ainda que então não foram atendidas suas súplicas, todavia repetindo-as várias vezes e sempre com maior fervor, conseguiu por fim a graça desejada; e no ano 1564, tendo vinte e quatro de idade, vestiu o hábito de religioso leigo no convento de Jesi, aonde foi destinado para fazer o acostumado ano do noviciado.

Bem sabida é a aspereza das humilhações, mortificações e penitências que os Padres Capuchinhos impõem a seus noviços a fim de provar-lhes a vocação e de inspirar em sua alma o espírito próprio daquela religião, que de uma maneira particular está dedicada e consagrada à vida penitente e mortificada, com tanta edificação da santa Igreja. O bem-aventurado Serafim não só praticou com presteza e alegria de sua alma tudo o que lhe mandavam seus superiores, mas às mortificações comuns a todos os noviços acrescentava outras muitas particulares; não dormia mais que três horas; levava constantemente um cilício tecido de asperíssimas cerdas que lhe cobria todo o corpo à maneira de túnica; e tomava cada dia uma sangrenta disciplina com um açoite armado de pontas de cravos, com o qual fazia tal carnificina em seu corpo que ficava banhado em sangue. Sua obediência não conhecia limites, bastando a menor indicação dos superiores ou de qualquer de seus irmãos religiosos para executar quanto se exigia dele. Sua humildade era profundíssima, reputando-se o mais mínimo de todos e que para nada servia nem era útil; ao que contribuía em grande maneira a cortedade de seu talento, que o fazia pouco apto para as coisas exteriores; por cujo motivo não só no tempo do noviciado, mas também em toda a sua vida, esteve sujeito a várias repreensões e mortificações, particularmente de alguns superiores indiscretos, sem que o servo de Deus jamais se queixasse ou escusasse nem manifestasse turbação; antes ao contrário, deste seu involuntário defeito tomava motivo para humilhar-se, envilecer-se e chamar-se o jumento do convento, que comia o pão de graça e que não merecia senão pauladas. Desde os

primeiros dias em que tomou o hábito dedicou-se inteiramente ao exercício da oração, na qual, ou na igreja ou na cela, empregava todo o tempo que lhe sobrava de suas precisas ocupações. Tinha sempre fixa em sua mente a sagrada paixão de Jesus Cristo; passava as noites inteiras na meditação de seus passos e não podia pensar nem falar dela sem derramar muitas lágrimas. A oração, pois, era o doce pábulo de sua alma, da qual tirava luz e força para praticar todas as virtudes, tendo sido nela favorecido por Deus nosso Senhor com admiráveis êxtases e arroubos e com uma luz sobrenatural tão extraordinária que, se bem era um homem idiota que não conhecia as letras, tinha contudo sublimes sentimentos da grandeza de Deus e discorria com tal unção de espírito e com tanta propriedade de palavras sobre os mistérios de nossa Religião que causava admiração e pasmo aos mesmos que eram consumados no estudo da sagrada teologia. Venerava com ardentíssimo afeto o santíssimo Sacramento, que recebia quase todos os dias com fervor de espírito. Era também muito singular a ternura com que venerava a Virgem santíssima, pondo nela, depois de Deus, toda a sua confiança. Em todas as suas ações descobria uma santa simplicidade, mas acompanhada da prudência da serpente, segundo a expressão do Evangelho; pelo que era amável a todos, fácil em condescender a sua vontade e pronto em cumprir quanto lhe encarregavam, enquanto pudesse executá-lo sem prejuízo de sua delicada consciência.

Para prova desta verdade, bastará referir o que lhe sucedeu com uma senhora da cidade de Ascoli. Rogou esta senhora ao servo de Deus que tratasse um certo negócio que lhe instava muito com um sujeito que lhe nomeou; o servo de Deus ofereceu-se pronto a comprazê-la; mas acrescentando ela que, quando falasse com dita pessoa, fingisse que tratava o assunto por si mesmo e não por encargo que se lhe houvesse feito, Serafim lhe disse: «Senhora, julga V. que um religioso pode fingir? Quem está dedicado ao serviço divino como eu está obrigado a proceder clara e sinceramente com todos.» Estas razões não convenceram a dama, antes prosseguiu dizendo que era necessário conduzir o negócio deste modo, a fim de que saísse felizmente; e que ainda quando se dissesse alguma pequena mentira, seria esta oficiosa e de pouca consideração: alterou-se o bom religioso ao ouvir o nome de mentira e, santamente indignado, disse-lhe claramente: «Se assim é, eu não sou a propósito para servir a V.»; e voltando-lhe as costas partiu de sua presença, deixando-a, seria difícil dizer, se mais confundida ou mais edificada da inocente simplicidade e singular pureza de consciência do homem de Deus. Esta inocência e pureza que conservou em toda a sua vida, sem manchar jamais sua alma com culpa alguma grave, faz-se muito mais admirável se se considera que nos diversos ofícios de que foi encarregado, já de porteiro, já de esmoler, já de companheiro dos pregadores que iam pregar a diversos lugares, teve que tratar com toda sorte de pessoas; e pelo grande conceito que todos faziam de sua virtude, encarregavam-lhe muitas e várias incumbências, que o Santo admitiu obrigado da caridade que tinha para com seus próximos.

Efeito foi também de sua ardente caridade o zelo que tinha de impedir as ofensas de Deus e tirar aos fiéis as ocasiões de pecar. Por mais que fosse um religioso leigo, a quem não pertencia o pregar e o promover de ofício o bem espiritual de seus próximos, todavia discorrendo pelas ruas e pelas casas, pedindo esmola como esmoler de seu convento, não deixava de dar salutares documentos; o que praticava com palavras tão cordatas e graves que penetrava os corações de quantos as escutavam, produzindo em suas almas maravilhosos efeitos. Conhecendo o Santo que o jogo de cartas é um seminário de males, tanto pelo tempo que se desperdiça nele e pelo dinheiro que se perde em prejuízo da família e dos pobres, como pelas blasfêmias, rixas e fraudes que

ordinariamente o acompanham; quando entrava em alguma casa onde houvesse jogadores, sentava-se junto a eles e, vendo oportunidade, tirava-lhes as cartas das mãos, rasgava-as e fazia delas mil pedaços; e com tudo isso ninguém ousava contradizê-lo, pelo conceito grande que todos faziam de sua santidade. Ao tirar-lhes as cartas das mãos, costumava dizer-lhes: «Perdoai-me, irmãos, que não faço injúria a vós, mas ao demônio que por vosso meio manejava estas cartas.» E era tão sabido este costume seu de tirar aos jogadores as cartas e rasgá-las que, vendo-o de longe, costumavam dizer-se reciprocamente: «Acabemos, acabemos, que vem Frei Serafim»; e deixavam com efeito o jogo.

Igual e ainda maior zelo manifestava o servo de Deus em tirar das casas as pinturas imodestas, que ele costumava chamar pecados permanentes e escândalos pendentes da parede com guarnições de ouro. Assim que em qualquer parte onde lhe acontecesse ver algumas destas pinturas, rogava e conjurava os donos da casa para que as rasgassem ou queimassem, sem querer admitir a escusa que muitos davam de que eram pinturas de preço e de excelente pincel. «Razão, pois, de mais, replicava o Santo, para destruir semelhantes pinturas; porque quanto mais ao vivo e com maior arte representam a imodéstia e a nudez daquelas partes que até o mesmo rubor natural pede que se cubram e escondam, tanto mais perigosas são e maior ocasião de pecado.» Do mesmo modo era solícito em tirar das mãos das pessoas os livros de vãs poesias, os quais com a doçura do verso destilam no coração dos leitores o veneno da luxúria. Vendo um dia uma dama que lia o Ariosto, repreendeu-a dizendo que daquela leitura não podia tirar outro fruto que encher sua mente de vaidade e seu coração de profanas indecências e obscenidades.

O mesmo zelo que ardia no peito do servo de Deus fazia-o correr com presteza às casas onde sabia que ocorriam dissensões e escândalos. Soube uma vez que numa casa das principais da cidade de Ascoli reinava uma fera discórdia entre a sogra e a nora, da qual se seguiam lamentáveis consequências. Acudiu o Santo a apaziguar aquelas duas senhoras; e quando viu que eram inúteis todas as tentativas de que havia usado, por estarem ambas muito obcecadas da paixão, lançou-se por terra diante delas, desfazendo-se num copiosíssimo pranto e rogando-lhes encarecidamente que refletissem, não só sobre os males espirituais que com sua discórdia faziam a suas próprias almas, mas também sobre os males temporais que ocasionavam a toda a família. Seu pranto e humildade abrandaram o coração daquelas duas feras de tal sorte que ali mesmo, em presença do Santo, renunciaram todo rancor, abraçaram-se e com uma sincera reconciliação fizeram reviver em suas almas e em toda a família a calma desejada. Inumeráveis foram os que por meio de suas exortações, animados do espírito de Deus, se reconheceram de seus defeitos, fazendo deles uma sincera penitência, abraçando uns o estado religioso e enfervorizando-se outros na piedade e na devoção; tanto pode num homem, ainda que idiota e sem letras, como o era o Santo, a vida exemplar e adornada de virtudes heroicas! Acompanhava o Santo este ardente zelo da glória de Deus com uma caridade ternísima para com seus próximos. Visitava os presos nas cadeias, consolava-os em sua desgraça, exortava-os à paciência e empenhava-se a seu favor com os ministros da justiça. Assistia aos enfermos, alentava-os com suas doces palavras e servia-os como o mais diligente e piedoso enfermeiro nos ministérios mais baixos e fastidiosos, com tanto contento de sua alma que achava nisto todas as suas delícias. Esquecido de si mesmo e das necessidades de seu próprio corpo, entristecia-se e angustiava-se pelas necessidades alheias e fazia todo o possível para remediá-las. Contentando-se para sua comida com meio pão cada dia, a pitança e quase tudo o mais que lhe dava a comunidade o distribuía entre os pobres e ainda num

ano de carestia privou-se para os pobres da metade do meio pão que reservava para seu sustento. Manifestou Deus com vários milagres que lhe era muito aceita esta terna misericórdia que Serafim tinha para os pobres; porque, não tendo alguma vez bastante pão para repartir-lhes, suplia esta falta dando-lhes uma porção de verdura que colhia da horta do convento; e repreendendo-lho o guardião, dizendo que faltaria depois à comunidade a hortaliça, respondeu-lhe Serafim que não deixaria por isso a comunidade de ter com abundância a verdura de que necessitava; e com efeito, na manhã do dia seguinte viram-se crescer novos rebentos nas plantas das quais havia tirado o servo de Deus a hortaliça que havia dado aos pobres. Então o guardião concedeu a Serafim um pedacinho da horta para que a cultivasse a seu gosto e desse aos pobres a verdura que dela se tirasse; e era coisa assombrosa ver que aquele pedacinho, cedido ao Santo, produzia mais hortaliça que toda a horta restante reservada para a comunidade, ainda que muito melhor cultivada.

Mas a virtude em que mais se distinguiu Serafim foi sem dúvida a paciência e a mansidão, que costumam ser a prova menos suspeita da sólida piedade. Sua vida foi um contínuo exercício destas virtudes, tendo sido inumeráveis as ocasiões que teve de praticá-las, já com seus guardiões, os quais, ou por indiscrição ou para mortificá-lo e mantê-lo longe do perigo de desvanecer-se, o molestaram de muitas e várias maneiras; já também de seus irmãos os religiosos de seu mesmo convento, dos quais, permitindo-o assim Deus nosso Senhor, várias vezes foi maltratado; já por fim dos estranhos, nas ocasiões em que, fazendo seu ofício de esmoler, discorria pela cidade e pelas aldeias e lugares circunvizinhos, não faltando jamais malvados que aborrecem a virtude e perseguem as pessoas virtuosas. Mas o servo de Deus sempre esteve firme e constante, sofrendo todos os males que se lhe faziam com uma paciência invencível, sem alterar-se nem turbar-se jamais.

Assim mesmo foram sem número os desprezos, apelidos e repreensões que em várias ocasiões, permitindo-o Deus para acrisolar sua virtude, recebeu dos religiosos seus companheiros e de outros muitos, sem observar-se-lhe jamais o mais mínimo movimento de ira ou de impaciência; antes ao contrário, correspondia com benefícios aos que o maltratavam e injuriavam. Repreendia um dia o Santo com muita humildade a um secular certo delito que havia cometido; mas este, à maneira de um frenético que se volta contra o médico que procura curá-lo, voltou-se contra Serafim cheio de furor e, tendo na mão um pedaço de chumbo, deu-lhe com ele tão horrível golpe na cabeça que o houvera deixado ali mesmo morto se Deus milagrosamente não lhe houvesse conservado a vida; e com tudo esteve tão longe de mostrar o mais mínimo ressentimento que, antes ao contrário, com uma cara jovial lhe pôs a mão nas costas e, acariciando-o, disse-lhe: «Quanto te sou obrigado!» A mesma resposta deu a outra pessoa que, possuída de ira ou do demônio, lhe deu uma terrível bofetada. Numa palavra, a mansidão e paciência do servo de Deus haviam chegado a tal grau de perfeição que parecia insensível às injúrias e desprezos, ainda que por outra parte fosse de natural ardente e sentido; pelo que teve muito que trabalhar para chegar a ser dono de si mesmo e superior a todos os movimentos de ira ou de impaciência, como ele mesmo em certa ocasião o confessou a uma pessoa sua confidente que lhe havia perguntado sobre este particular: «Eu tenho empregado trinta anos, disse-lhe, para vencer este monstro e, depois de um dilatado exercício de padecer, o Senhor me fez a graça de ser insensível como um tronco ou uma pedra a todas as afrontas.»

Havia já quarenta anos que o bem-aventurado Serafim servia a Deus em espírito e verdade no estado religioso, edificando a todos com suas singulares virtudes e sendo favorecido de Deus com muitos dons sobrenaturais, que foram o de profecia, o de conhecer os ocultos segredos do coração, o de obrar coisas prodigiosas e singularmente o de sarar as enfermidades com só abençoar os enfermos com um Crucifixo que tinha. Pois foram tantas as enfermidades que sarou deste modo milagroso e tantos os enfermos que ainda de partes muito distantes acudiam ao Santo para que os abençoasse que às vezes passava todo o dia nesta ocupação e o convento se enchia de tantas gentes que pediam ser abençoadas de Serafim que o guardião de Montegranaro, para impedir o distúrbio da comunidade, esteve quase resolvido a mandar ao Santo que não usasse da graça de curação que Deus lhe havia concedido. Esta graça de fazer milagres conciliou ao Santo tanto respeito e veneração dos cidadãos de Ascoli que, quando passava pelas ruas, não só lhe beijavam o hábito, mas alguns lhe cortavam pedaços dele para conservá-los por relíquias.

Aproximou-se por fim o tempo em que Deus queria cumprir ao Santo os desejos que tinha de ser livre das ataduras do corpo para ir-se ao céu, que eram tão ardentes que costumava dizer: «Insofrível me é este desterro, que me tem longe de Deus; desejo que logo se acabe, para ir gozá-lo.» Porque no mês de outubro do ano 1604 foi acometido com maior força de uma enfermidade de peito que havia algum tempo o molestava, ainda que o Santo não fazia dela caso nem falava dela com pessoa alguma, gostando de padecê-la com silêncio por amor de Jesus Cristo crucificado: veio o médico visitá-lo e creu que o mal era de nenhum perigo nem importância; mas o Santo, que havia tido uma revelação ou pressentimento de sua próxima morte, pediu com muita instância os santos Sacramentos, dizendo claramente e sem turbação que pouco lhe restava de vida. Para condescender, pois, a seus ardentes desejos e fervorosas súplicas, administrou-se-lhe o santíssimo Viático, que recebeu com lágrimas de ternísima devoção: depois pediu com muita ânsia a Extrema-Unção; mas o superior, crendo que não se achava em perigo de morte, como o assegurava o médico, recusou condescender a suas instâncias, dizendo-lhe que já haveria tempo e que moderasse entretanto aquele sobrado ardor; ao que replicou o servo de Deus com igual asseveração que humildade: «Terão depois pesar de dar-me este Sacramento com demasiada pressa.» Com efeito, pouco se tardou em saber com quanta razão o Santo se havia apressado em pedir este Sacramento, que é o último confortativo da alma cristã para passar à eternidade; porque, enquanto se entretinha em devotos e fervorosos colóquios com Deus nosso Senhor, foi surpreendido de um repentino deliquio que o reduziu aos últimos extremos, pelo que foi forçoso administrar-lhe o sacramento da Extrema-Unção com a pressa possível, segundo o havia predito, e acabada esta sagrada função, acabou ele também o curso de sua vida e entregou sua bem-aventurada alma nas mãos de seu Criador a 12 de outubro do dito ano 1604, aos sessenta e quatro anos de sua idade. Os muitos milagres que Deus tem obrado depois de sua morte por sua intercessão têm feito sempre mais pública e mais autêntica sua santidade.

Bento XIII o beatificou solenemente, e Clemente XIII o pôs no catálogo dos Santos.

Missa (oração)

A missa é em honra da Virgem Maria, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Concede nos famulos tuos, quæsumus, Domine Deus, perpetua mentis et corporis sanitate gaudere, et gloriosa beatæ Mariæ semper Virginis intercessione a præsenti liberari tristitia, et æterna perfrui lætitia. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus e Senhor, concedei-nos, vo-lo rogamos, que nós, vossos servos, nos alegremos com a perpétua sanidade de corpo e alma e que, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre Virgem Maria, sejamos livres da tristeza presente e cheguemos a gozar das alegrias eternas. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 7 de outubro).

Eclesiástico 24,14-16

> **Latim:** 14 Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. 15 Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. 16 Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea.

Português: 14 Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. 15 E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. 16 E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência.

Reflexões

Todas as expressões que contém a Epístola deste dia estão ditas propriamente da Sabedoria divina; mas nossa mãe a Igreja, conhecendo o mérito singular da Rainha dos Anjos e quanto lhe convêm as grandezas que nela se insinuam, aplica-lha com bastante frequência e nisto mesmo dá um motivo de consolação a todos os Cristãos e muito particular a todos os espanhóis. De logo a logo dá a entender a Igreja que Maria santíssima tem em sua mão todos os tesouros do céu para dispensá-los aos miseráveis pecadores. Neste sentido podem entender-se aquelas palavras: «Meu poder e potestade se estende sobre Jerusalém»; e as seguintes: «Lancei raízes num povo cheio de

honra», podem sem violência interpretá-las a seu favor os espanhóis; porque, tendo tido a ventura de que a Mãe de Deus aparecesse em carne mortal ao apóstolo Tiago quando lhes pregava o Evangelho e de que por si mesma lhe mandasse construir em sua honra a primeira igreja que teve no mundo, que língua será suficiente para dizer a santificação e graças que deixaria naquele lugar ditoso uma Rainha tão poderosa? Por muito que se queiram fechar os olhos, é preciso advertir que o verdadeiro Deus se constituiu Deus nosso e que toda a nossa Espanha se converteu, por meio de Maria, de região de trevas em formosa habitação de resplendores. Fundada uma igreja sob os benignos auspícios da Mãe de Deus; adornada daquela coluna, símbolo misterioso da estabilidade de nossa fé; e, o que é mais, fortalecida e apoiada nas promessas de Rainha tão poderosa, poderá deixar nossa Espanha que a seduzam os lisonjeiros preceitos de uma lei que afague os sentidos? Apagará jamais a aliança que o Espírito divino gravou com dedo onipotente em suas entranhas, escrevendo-a com caracteres indeléveis mais duradouros que o diamante? Será possível que queime incensos a Dagon nem que adultere com as nações estranhas? Não é crível que uma nação preeleita, uma nação amada e distinguida entre todas as do universo com os amores, as ternuras e real presença da Mãe de Deus, chegue alguma vez a ser ingrata a seu Filho. As portas do inferno conjurar-se-ão contra nossa constância, virão séculos em que se verifiquem da Igreja da Espanha as tristes profecias que deixou escritas São João em seu Apocalipse. Mas aquele grande Deus que nos deu a Tiago por doutor de sua Lei, que fez descer sobre nós a chuva soberana de suas luzes e que finalmente nos pôs sob a proteção de sua misericordiosa Mãe, esse mesmo Deus será sempre nosso Deus e nós seremos sempre seu povo. Os espanhóis teremos sempre o escudo de Maria e com seu amparo seremos eternamente a nação ditosa, o povo de Deus, a herança do Todo-poderoso e o objeto de suas beneficências. Tanta ventura merece sem dúvida alguma uma particular gratidão da parte dos espanhóis; mas esta não deve reduzir-se a só palavras ou vãs admirações. As boas obras são o único testemunho da singeleza, da vontade e da retidão do coração.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas (o impresso remete à página do dia 7 de outubro).

Lucas 11,27-28

> **Latim:** 27 Factum est autem, cum hæc diceret : extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi : Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. 28 At ille dixit : Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Português: 27 E aconteceu, que dizendo elle estas palavras: huma mulher levantando a voz do meio do povo lhe disse: Bemaventurado o ventre, que te trouxe, e os peitos a que foste criado. 28 Mas elle respondeo: Antes bem-aventurados aquelles que ouvem a palavra de Deos, e a põem por obra.

Meditação

Sobre os particulares favores com que Maria santíssima tem protegido sempre a Espanha

Primeiro ponto

Considera que a firmeza e estabilidade na fé que tem manifestado sempre esta província no mundo deve pela maior parte sua origem à proteção e piedade da Rainha dos Anjos, que a tem olhado com especial carinho e que com suas súplicas a tem alcançado de seu Filho, quando outros muitos povos padeceram naufrágio nos tempos calamitosos.

Deixando à parte aquela solene promessa que fez a Tiago de perpetuar nossa fé, dizendo-lhe quando lhe apareceu: «Esta coluna permanecerá neste lugar até o fim do mundo e nunca faltarão nesta cidade verdadeiros adoradores de Jesus Cristo», a que outra coisa podemos atribuir a estranha diversidade com que nossa Espanha se portou com o primeiro pregador do Evangelho a respeito das demais nações do mundo? Porque, que província deu seus ouvidos mais pacificamente à intimação da verdade? Que gentes prestaram seus corações mais brandos e sazonados para plantar neles a fé de Jesus Cristo? Quem abraçou com mais amor uma lei tão repugnante à carne e sangue? Que nação olhou com tanto respeito uma religião de mortificação e de cruz, que no natural havia de ser tida pelas gentes no conceito de uma necedade? Que parte do mundo, finalmente, tratou os discípulos do Senhor com tanta humanidade e cortesia? Os romanos crucificaram São Pedro, degolaram São Paulo e fritaram em azeite São João; os jerosolimitanos despenharam Tiago Alfeu, seu bispo; os armênios esfolaram desumanamente São Bartolomeu; os frígios crucificaram São Filipe; os índios alancearam Santo Tomé; os persas martirizaram São Judas e São Simão com os mais cruéis tormentos; e a este modo todos os Apóstolos receberam maus-tratos e a morte das mesmas gentes a quem pregaram. Somente os espanhóis não martirizaram Tiago, mas, recebendo o Evangelho que lhes pregava, honraram-no e deixaram levantar uma igreja, que é a do Pilar de Saragoça, fazer-se discípulos, administrar o Batismo, plantar a fé do Crucificado e formar-lhe um povo que havia de prezar-se sempre de sê-lo seu. Se houve de beber o cálice de seu Mestre, que com tanto valor afirmou que podia apurar até as fezes; se houve de dar o sagrado pescoço ao cutelo injusto que o fez mártir, foi-lhe preciso sair da Espanha, e esta glória não nos faltará eternamente aos espanhóis sobre todas as nações que povoam o âmbito do mundo. Todos estes efeitos maravilhosos devem atribuir-se ao patrocínio de Maria e à verificação de suas promessas. Com razão pudera aqui exclamar-se com as palavras de Santo Agostinho: «Ó dulcíssima Virgem Maria, à vista de tantos benefícios eu não sei com que louvores engrandecer-te!»

Segundo ponto

Considera que, assim como pela proteção de Maria tem sido o santuário do Pilar isento dos contrastes da fortuna, da mesma maneira nunca pôde a astúcia do infernal inimigo destruir a fé do

Crucificado, ainda quando pôde alucinar um espanhol para proporcionar-lhe por meio de uma vingança os meios mais oportunos.

Bem sabidas são as torpes astúcias de um Prisciliano e das infelizes mulheres que fazia instrumentos de seus erros. Bem notório que os Arianos infestaram de tal modo nossa Península que choraram suas funestas consequências não somente as cidades assoladas e muitas nobres famílias desterradas, entre elas Santo Isidoro com seus pais e irmãos, mas muitos fiéis precisados a derramar seu sangue por Jesus Cristo. Talvez se conservarão ainda os lenços empapados no sangue de nossa rainha Clotilde; e o santo jovem Hermenegildo é testemunha de que o erro e a crueldade se haviam apoderado do trono e empunhavam nestes reinos o cetro. Os nomes de Amalarico, Teudis, Teudiselo, Leovigildo e outros semelhantes fazem ainda estremecer a Religião e a humanidade. Em tempos não menos calamitosos viu-se nossa Espanha sojugada por uma gente descomunal e bárbara, profanados nossos templos, roubadas nossas fazendas, mortos os cidadãos, prostituídas suas esposas e suas formosas e amadas filhas entregues como cordeiras aos lobos carniceiros.

Em meio de tantos trabalhos, de tanta guerra, de tanta heresia, de tantas perseguições e de tanta assolação, sempre se viu claramente que o braço de Deus estava levantado para castigar nossos pecados; mas também se viu que a proteção de Maria se interpunha como escudo forte para defender-nos e fazer que nossos inimigos não nos aniquilassem. Jamais faltaram cristãos que cuidassem do culto de Maria em sua igreja do Pilar, ainda quando Saragoça esteve por muitos séculos em poder de príncipes pagãos. Jamais faltaram sacerdotes que oferecessem em seu templo ao eterno Pai o Cordeiro imaculado. Jamais se interrompeu a série de seus santos bispos, dos Valérios, dos Braulios, dos Tajões e outros de igual santidade e literatura. Jamais se suspenderam aqueles concílios em que teve a primazia sobre todas as igrejas da Espanha, se se exceta a de Ilíberis. E enquanto Saragoça possuía com tranquilidade seu tesouro, de que graças não participou toda a Península, já em tantos bispos santos, sábios e esforçados; já em tantos Mártires nada inferiores na glória aos Frutuosos, aos Eulógios e aos Vicentes; já em tanto concílio em que interessou a um mesmo tempo a Religião e glória da Espanha e a causa comum de toda a Igreja; já em tanto escritor que juntou a verdadeira sabedoria com a defesa da piedade, do dogma e da virgindade perpétua da Mãe de Deus; e já finalmente em ver restituído seu trono ao valor, à nobreza, ao mérito e à Religião? Todos estes bens particulares de Saragoça e universais a toda a Espanha são uma consequência das promessas que fez Maria ao apóstolo Tiago na portentosa aparição que celebra nossa Igreja. Todos eles, assim como são um testemunho da predileção com que nos olha a Rainha dos Anjos, da mesma maneira são um motivo que executa de contínuo nossa gratidão.

Jaculatórias

Derramastes, Senhor, vossas bênçãos sobre uma terra que elegestes para vossa posse e afastastes dela as cadeias com que a superstição a tinha escravizada. (Sl 84.)

Com o claro resplendor de vossa graça e de vossa santa lei caminharão, Senhor, vossas gentes pelas veredas desta vida e em nada se gloriarão nem se regozijarão senão em vosso nome sacrossanto. (Sl 88.)

Propósitos

Havendo-se visto nas precedentes considerações que na aparição milagrosa do pilar fixou o Espírito Santo a divina lei em nossos corações com caracteres que não se apagarão jamais; que Deus quis ser nosso Deus e que nós fôssemos seu povo; e, por último, que elegeu sua santíssima Mãe para dispensar-nos estes soberanos benefícios, está visto que os espanhóis temos uma grande obrigação a esta soberana Rainha. O ser-lhe agradecidos é o mesmo que ser cristãos; as obrigações da fé são as mesmas que as de seu amor. Se nos ama como a filhos, não deveremos servi-la como a mãe? Se nos favorece como a prediletos, não deveremos assinalar-nos entre todos os fiéis da terra em matéria de agradecidos e obsequiosos? Não se pode duvidar; e o modo de agradecer as amorosas demonstrações desta doce Mãe é servir sem reserva a seu Filho. Assim o desejo, Mãe amorosíssima, e assim vo-lo prometo; mas para este efeito alcançai-me do Espírito Santo aqueles dons divinos com que fortaleceu o coração dos Apóstolos; aquela graça poderosa que ilumina o entendimento, move docemente a vontade e vence gloriosamente a concupiscência. Tomai, Senhora, sob vossa proteção novamente todos estes dilatados países e fazei com vosso santíssimo Filho que não prevaleçam neles os funestos males e os perniciosos erros de que está inundada toda a terra. A Espanha vos mereceu até agora todas as vossas atenções; Vós lhe prometestes que sempre permaneceria nela incorrupta a fé de vosso Filho: até a hora presente vossas promessas se têm verificado. Mas verificar-se-ão igualmente no sucessivo? Se olhamos para a depravação dos costumes que se tem feito universal; se se atende à relaxação de todos os estados e hierarquias da Igreja; se se consideram bem os progressos que por todas as partes faz o erro, não se pode duvidar de que não encontra o entendimento humano senão multiplicadas causas de temer. Tanto pecado, tanta maldade e tanto delito têm a força suficiente para suspender o curso a vossas promessas; mas espero que, sem embargo, não a terão para impedir o de vossas misericórdias e piedades.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:33 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:33 by Admin